



Capitalismo

As corporações são donas da maioria dos meios de produção e contratam pessoas para trabalhar para elas. Trabalhadores são forçados a vender sua força de trabalho e são explorados na produção de mercadorias, que depois são vendidas para obter lucro, aumentando a riqueza de poucos.

Apresentação

Enquanto o velho já está em decomposição, o novo urge em nascer

O mundo está vivendo um profundo processo de transformação e de reorganização do capitalismo global, marcado pelo deslocamento das capacidades industriais, científicas e tecnológicas desde o velho norte desenvolvido para o novo sul emergente e, simultaneamente, desde ocidente para oriente, tendo como epicentro a China, e junto com ela, grande parte da Ásia e do sudeste asiático. O fortalecimento da ultradireita em âmbito mundial é uma expressão social e política da crise do modo de produção capitalista que estamos vivendo atualmente, sobretudo com a ameaça da hegemonia mundial unipolar estadunidense. Além disso, o aumento da desigualdade, tanto entre países quanto no interior deles, é algo marcante em nossa época. Esse cenário atual é fruto de um processo de transformação do capitalismo que remonta à segunda metade do século XX.

A partir da primeira metade da década de 1970, a possibilidade de “estagflação” nos EUA e Europa faz com que o mundo capitalista pusesse em movimento um conjunto de processos que iniciam o enfrentamento ao fordismo. A era que então se inicia, ou seja, o Pós-Fordismo, Acumulação Flexível ou Reestruturação Produtiva, impõe uma tendência que flexibiliza os processos de trabalho e as formas contratuais, com importante reestruturação do mercado de trabalho.

O início do neoliberalismo – após o golpe contra o governo da Unidade Popular no Chile, em 1973, com a eleição de Margaret Thatcher e Ronald Reagan em fins dos anos 1970 e início dos 1980 e o Consenso de Washington – abriu um processo de acumulação de capital, com protagonismo do capital financeiro desregulamentado e com o universo orgânico dos trabalhadores num franco processo de atomização, com consequências importantes no aumento da exploração e da retirada de direitos sociais dos trabalhadores.

Apesar do impacto devastador que teve sobre o nível de emprego e padrões salariais dos trabalhadores, as políticas neoliberais seguiram como vetor orientador da economia política e seus efeitos provocam, atualmente, uma importante reconfiguração no padrão das classes sociais, deslocando os trabalhadores do chão de fábrica para o comércio, para o telemarketing, para a uberização, para a pejetização, para o trabalho informal, para o contrato zero hora e para o desemprego. Ou seja, vivemos atualmente a precarização estrutural do mundo do trabalho, ancorado na digitalização, criando uma nova morfologia da classe trabalhadora. Além da precariedade do trabalho e da renda social precária, lhes falta uma identidade baseada no trabalho. Quando empregados, eles estão em empregos sem carreira, sem tradições de memória social e sem um sentimento de pertencer a uma comunidade imersa em práticas estáveis, códigos de ética e normas de comportamento, reciprocidade e fraternidade.

Diante da necessidade de compreendermos a crise do capitalismo global e as transformações que ela implica nos diversos âmbitos da sociedade, a *Revista Estudos do Sul Global (Resg)* abre uma série de edições para a reflexão em torno das **Mudanças do capitalismo global no século XXI**. Tal temática será explorada nos próximos 4 números da Resg, cada uma delas dedicada a uma parte constitutiva dessa totalidade, organizada da seguinte maneira: crise global do capitalismo e os desafios da classe trabalhadora; mudanças no mundo do trabalho; crise climática e geopolítica; cultura política e indústria cultural.

A presente edição tem como foco a “Crise global do capitalismo e os desafios da classe trabalhadora”. Em entrevista concedida à RESG, o intelectual e militante argentino Claudio Katz traça reflexões precisas sobre as transformações econômicas, políticas e sociais dos últimos 20 anos na América Latina, ressaltando a necessidade de as compreendermos sempre a partir das particularidades históricas e sociais dos diferentes países do continente. Com relação ao avanço da extrema direita na região, Katz analisa que ela tem uma estreita relação com a desilusão com os governos progressistas, ao conseguir canalizar a insatisfação popular para o um projeto autoritário e que aprofunda ainda mais a dependência dos países.

Este número conta também com sete artigos que abordam diferentes aspectos das transformações do capitalismo atual. César Bolaño apresenta reflexões sobre os desafios da classe trabalhadora a partir das contribuições teóricas de

Alfred Sohn-Rethel sobretudo com relação aos aspectos subjetivos dos sujeitos revolucionários.

Tica Moreno e Luiz Zarref tratam do tema das Big Techs e da inteligência artificial numa perspectiva de análise geopolítica e das contradições entre o Norte e o Sul Global, sobretudo na disputa entre EUA e China. Tahirá Endo Gonzaga busca compreender os desafios de Angola a partir das contribuições de Samir Amin em relação às formações sociais africanas e a contradição centro-periferia.

Com relação às transformações no mundo do trabalho, Edvânia Ângela de Souza e Isabella Antoniazzi de Barros Galvão analisam a contradição entre os avanços tecnológicos da 4ª Revolução Industrial e a população em situação de rua, numa perspectiva de que os avanços das forças produtivas dentro da lógica do capital apenas agravam a situação de vida das classes trabalhadoras com uma precarização do trabalho cada vez maior. Thais Soares Caramuru sistematiza uma breve crítica à situação da classe trabalhadora brasileira no século XXI, explicitando os principais elementos que intensificam a produção da redundância dos trabalhadores perante o capital na atual conjuntura da luta de classes. Débora de Araújo Costa discute a evolução das relações de trabalho no capitalismo, destacando como os direitos sociais, inicialmente conquistados no contexto do fordismo, foram progressivamente atacados com o advento da acumulação flexível.

Por fim, Ary Miranda coloca em perspectiva histórica as transformações do mundo do trabalho no Brasil, buscando compreender como as novas formas de exploração e acumulação do capital apresentam novos desafios à classe trabalhadora.

Com este número da RESG, esperamos contribuir para entendermos melhor a nossa realidade em seus aspectos econômicos, políticos e sociais, na perspectiva de fortalecer a organização das classes trabalhadoras no enfrentamento das forças do capital e na construção de uma sociedade que não esteja baseada na exploração dos seres humanos.

Boa leitura